

TRECHOS DE NOSSA HISTÓRIA

CARLOS LÔBO

Sou, por hábito, infenso a assistir novelas de TV e de rádio, já porque o meu tempo é escasso, já porque não posso perder tempo com assuntos muitas vezes irreais.

Entretanto e apesar disso, fui pegado em cheio pela interessante novela "Paixão Proibida" porque ouvi falar que nela continham passagens históricas referentes à Inconfidência Mineira, e como sou um devoto e um admirador intransigente daqueles mártires que se sacrificaram, no auge da nossa vida colonial, pelos sagrados e sublimes ideais de LIBERDADE, procurei acompanhar o desenrolar da citada e interessante novela, indo, satisfeito, ao desfecho do esfuziante enredo.

Senti ao vivo como eram as coisas naqueles recuados e tremendos tempos do cativeiro e de asfixiamento de nossas liberdades.

Que ominosos que eram aqueles tempos de opressão e de misérias!...

Querendo ter, ao certo, uma confirmação acêrca dos personagens, notadamente a respeito do famigerado Visconde de Santa Maria, que somente ódios e repulsa deve ter tido dos telespectadores cearenses, resolvi fazer uma consulta, por carta, a velho companheiro mineiro, amigo dileto desde os tempos formosos em que convivemos, juntos, nos áureos tempos estudantis em Belo Horizonte, hoje guindado, pelo seu saber histórico, à Secretaria-Geral do Instituto Histórico de Minas Gerais.

Destaco, assim, para gáudio dos amantes de nossa história, trechos da carta do componente e conceituado causídico mineiro, datada de agora:

"Você, prezadíssimo C.L., deve estar aguardando relacionar uma novela com os antigos nomes dessas Minas do tempo da Inconfidência. Daqueles que vê, menciona os nomes, foram os amigos seguidores do Conde de Castelo (Casa portuguesa, cujo 1.º Conde, levado à residir em Londres, tornou-se orientador da vida econômica e política do Brasil), e o 2.º Conde do Castelo, com o nome paterno Luiz Vasconcelos e Souza (o 1.º morreu em 1720), também ocupante como pai da casa marítima associada Viscondado de Barbacena a que submissa a Casa Bragança e seus 9 sobre o Brasil, na ocasião de TIRADENTES, estando em govêrno Lisboaeta D. José (cessado em 1777) já cuidava de punições aos Dragões ou milicianos de Minas (Cachoeira do Campo), e nas terras minerais e no comércio concedia privilégios e comendas; no Rio, por exemplo, todo comércio de ouro com os Carneiro

Leão, da Casa Santa Maria, dentre os seus membros o Marquez de Paraná, dos quais os descendentes Hermétes, que vc. conheceu aqui. Já no governo Lisboaeta de Maria 1.^a esse Vasconcelos e Sousa, Conde de Castelo e VISCONDE DE BARBACENA, tratava da Regência do Brasil com comerciantes estrangeiros de Paramaribo e Georgetown, em 1789, os Magalhães Barata servindo de estafetas Paramaribo — Vice-Reinado do Grão-Pará e daí a correspondência marítima à Colônia do Pôrto e do Peniche, aos almirantes "homens de negócio" e sua Mesa Deliberativa. Sendo o assunto da Regência do Brasil o mais agudo e evoluindo de grande empenho e negociações até 1793 ser entregue ao Príncipe D. João VI, os mesmos homens comerciantes, aceitando o Príncipe, um Bragança Lisboaeta apenas, com o Visconde levaram, inclusive êle, grande susto na atitude do miliciano, já punido, antes, O TIRADENTES, que surgiu revoltado e apaixonado contra a arrecadação compulsória de recursos oficiais do Viscondado, além de prestigiado por uma pleiade de Doutores e Eclesiásticos de VILA RICA, São João DEL REI, onde Fazendas de Mineração da Casa Santa Maria, até a República. O Barão Santa Maria, por exemplo, irmão do Marquez do Paraná, ambos Carneiro Leão, ultrapassou a data Republicana. O grande susto, partindo de Vila Rica, desceu ao Rio, subiu aos interessados da Regência, nas Guianas, foi a Lisboa, Londres, Filadélfia, Montreal e outros pontos, que convergiam, tanto que o Príncipe João VI não assumiu só, durante sete anos, como exercícios encerrados de exportação e finanças iniciais do Brasil, pelo Banco do Brasil e Finanças, como 1.^o Ministro da Fazenda, permaneceu nas Guianas como tal, o Marquez de Queluz, cidadão Marianense ou do Rio Doce de Minas, companheiro do Príncipe e também governante financeiro até 1817. Os fatos da INCONFIDÊNCIA, na simultaneidade da Regência, com grande repercussão para ser castigado, até esperou o sacrifício de 1792, a proclamação da Regência surgindo em Lisboa, indo de Paramaribo, em 1793. Quanto aos Medeiros, foram da minha zona Rio Doce e Barra-Piranhã, em 1770 nosso vigário era João Medeiros o pai era Capitão de Ordenanças, também por lá eram vindos do Rio e S. João com ligação aos Camargos, de São Paulo e Vila Rica. Quanto ao nome Borges, os acontecimentos da Devassa dos responsáveis quem falou, quem não falou, quem testemunhava entre S. João, Carjos (hoje Lafaiete); Cachoeira, Mariana, etc., mencionam José Martins Borges, enredado por falso testemunho, que foi condenado a ser chicoteado em público e pôsto em galés por dez anos. Vv. fala de um Raimundo Borges, quando dentre os nomes da Devassa quem figura é José. Seria o mesmo?

E, assim, percorremos, embora perfunctôriamente, um trecho de nossa história em terras de Minas Gerais, de onde partiu, primeiro, o grito de LIBERDADE e de INDEPENDÊNCIA para esta nobre Terra de Santa Cruz — o Brasil!

(Tribuna do Ceará — 21/11/67)